

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

Breno Eiterer de Oliveira

**AS FACES DE JÂNIO**

Uma análise sobre o discurso político de Jânio Quadros, com ênfase no discurso proferido em Juiz de Fora (1953-1960)

Juiz de Fora – Minas Gerais

2018

Breno Eiterer de Oliveira

## **AS FACES DE JÂNIO**

Uma análise sobre o discurso político de Jânio Quadros, com ênfase no discurso proferido em Juiz de Fora (1953-1960)

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para obtenção da licenciatura em história.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti

Juiz de fora

2018

Breno Eiterer de Oliveira

**AS FACES DE JÂNIO**

Uma análise sobre o discurso político de Jânio Quadros, com ênfase no discurso proferido em Juiz de Fora (1953-1960)

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para obtenção da licenciatura em história.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti

APROVADO EM: \_\_/\_\_/\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

---

## **RESUMO**

A presente monografia tem como objetivo analisar os sentidos apresentados por Jânio Quadros em seu discurso político através de um recorte que compreende sua passagem pela prefeitura de São Paulo em 1953, passando pelo governo do estado, até a campanha presidencial de 1960 ao usar como recurso seu comício na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, para isso se utilizará de pronunciamentos do político ao longo de sua carreira, presentes na revista mineira “Alterosa”, além de discursos transcritos pela imprensa, na prerrogativa de através do microcosmo apresentado pela postura do candidato na cidade compreender a potência de suas palavras e recepção de seu projeto político pelo eleitorado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jânio Quadros, Discurso, Juiz de Fora, Alterosa, Campanha Presidencial, Moralidade, Cristão, Eleitor.

## **ABSTRACT**

This monograph aims to analyze the meanings presented by Jânio Quadros in his political discourse through a clipping that includes his passage as mayor of the city of São Paulo in 1953, through the state government, until the presidential campaign of 1960 using as resource his demonstration at the city of Juiz de Fora, Minas Gerais, for this will be used political pronouncements throughout his career, present in the magazine "Alterosa", as well as speeches transcribed by the press, in the prerogative of the microcosm presented by the posture of the candidate in the city to understand the power of his words and reception of his political project by the electorate.

**KEYWORDS:** Jânio Quadros, Discourse, Juiz de Fora, Alterosa, Presidential Campaign, Morality, Christian, Voter.

## **SUMÁRIO**

**1. INTRODUÇÃO**

**2. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE JÂNIO QUADROS ATRAVÉS DA REVISTA ALTEROSA**

**3. O OTIMISMO FRENTE AO CENÁRIO DE CRISE, O INÍCIO DA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE JÂNIO QUADROS.**

**4. JÂNIO QUADROS EM JUIZ DE FORA**

**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

**6. REFERÊNCIAS**

## 1. INTRODUÇÃO

Em 2017 se iniciava a pesquisa desse trabalho, ano em que completaria o centenário de Jânio Quadros. Nesse período pouco foi visto nos meios de comunicação quanto à efeméride e mesmo sobre o político que em pouco tempo conquistou diversos cargos e se impôs como uma das grandes lideranças de seu tempo. A figura carismática que chegou à presidência de forma meteórica é a mesma que renunciou depois de poucos meses de seu mandato. Classificado por seus adversários como louco, manipulador e populista Quadros representa uma página da história política brasileira a qual se dá pouca relevância. Ao se reconhecer a necessidade de se interpretar o político através de outro meio que não seja a propaganda, a qual lhe atribuíram o título de “pai do marketing político”, esse trabalho se preocupará em buscar através de uma análise de seus pronunciamentos e discursos como atingiu o meio político em seu período, e como sua imagem foi recebida pelo público através das fontes trabalhadas, buscando entender a potencialidade de seu discurso.

Nascido em Campo Grande, então estado de Mato Grosso do Sul, no ano de 1917, Jânio da Silva Quadros ingressou na faculdade de direito no ano de 1935 em São Paulo e ao formar-se estabeleceu um escritório no centro da capital, além de começar a lecionar em dois colégios.

Motivado e apoiado por seus alunos do colégio Dante Alighieri bem como por seus pais, Quadros inicia sua vida pública no ano de 1947 candidatando-se a vereador na cidade de São Paulo pelo Partido Democrata Cristão (PDC) sendo eleito<sup>1</sup>. Em seu mandato como vereador, Jânio Quadros começa a se projetar politicamente, erguendo como bandeira a moralização da máquina pública que o acompanharia durante toda a sua trajetória política. Desde então, inicia uma ininterrupta ascensão política no cenário nacional, sendo eleito a deputado estadual em 1950, a prefeito em 1953, a governador 1955, todos por São Paulo, deputado federal pelo Paraná em 1959 e no mesmo ano anuncia a sua candidatura a presidência da república pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN).

Sob o jingle de campanha “Varre, varre, varre vassourinha!” fazendo alusão as

1 (MAGALHÃES apud QUELER, 2011, p. 47)

medidas moralizantes supracitadas, Jânio Quadros percorreu o país e teve como principais propostas continuar seu trabalho de moralização do serviço público, reverter, ou, pelo menos, amenizar, os males provocados pelo desenvolvimentismo e mudar a posição do país frente a política internacional, ao adotar a política externa independente (PEI).

Ao longo de sua campanha a imprensa da época o retratava em fotos como desequilibrado, enfatizando seu “histrionismo” (Transtorno de personalidade relacionado a pessoas com necessidades de chamar atenção, as quais se usam de ações histéricas e exageradas a fim de atingir um público), a medida em que representavam o seu opositor, Marechal Henrique Duffles Teixeira Lott, através de imagens como um homem equilibrado, centrado e preparado para colocar o país nos “trilhos”<sup>2</sup>

Ao final das eleições Jânio Quadros sai vitorioso com uma porcentagem de 48% dos votos, enquanto Lott obteve 32% e Ademar de Barros 20% do total. Assumindo a presidência da república no dia 31 de janeiro juntamente a João Goulart o vice eleito.

Durante seu breve período na presidência Jânio Quadros tomou medidas que mais adiante se instalariam na memória comum e se somariam a ridicularização de sua imagem, como as proibições da rinha de galos, do lança-perfume, da aposta a corrida de cavalos durante os dias de semana, exibição de mulheres em roupas íntimas na televisão. Ainda que as medidas moralizadoras da sociedade sejam diversas as mesmas não resumem todas as ações de Quadros enquanto presidente, que como prometido colocou o país sob a PEI, tendo como evento marcante e um dos mais lembrados de seu governo, a condecoração de Ernesto Che Guevara com a Ordem do Cruzeiro Sul no dia 18 de agosto, e também como proposto adotou uma série de medidas econômicas de caráter conservador na finalidade de conter o surto inflacionário provocado pelo governo anterior. Passados sete meses Quadros renúncia e deixa a presidência, por fatores que ainda geram debate e não são muito claros.

Diversos autores se dedicaram a analisar a trajetória política de Quadros entre os primeiros está Viriato de Castro com sua obra “O fenômeno Jânio Quadros” publicado e republicado três vezes ao longo dos anos de 1956 e 1959, a qual serviria como meio de transmissão entre a figura política do candidato ao público por fornecer uma análise sobre

**2 (J QUELER, 2011, p. 50)**

a sua postura como homem simples embora um fenômeno na política nacional, que se diferencia dos demais políticos tanto em suas origens, lutas e trato pessoal, um honrado professor de origem humilde sem bens ou conexões com os poderosos, um político que andava em meio aos comuns tomando suas reivindicações e se dedicava a representar o trabalhador, sem qualquer preocupação com a aparência e como a maioria dos trabalhadores urbanos devido ao extensivo trabalho muitas vezes não dispõe de tempo livre para fazer a barba, cuidar de suas vestimentas ou aparar o cabelo.<sup>3</sup>

Em 1967 o historiador norte-americano Thomas E. Skidmore atribui um valor simbólico a sua caracterização a qual serviria para aproximá-lo da classe trabalhadora, detentor de um tipo raro de carisma, se impôs como um novo tipo de político responsável por aliar um modelo de administração impessoal a uma forma diversa de se encarar a política o “antipolítico”, em 1981 a cientista social Maria Victória Benevides escreve um trabalho criticamente negativo sobre o político, definindo-o como detentor de apenas uma caricatura do carisma, o histrionismo, e ao contrário de Getúlio Vargas um populista de pior espécie de direita e manipulador, além de responsabilizá-lo por abrir as portas para o golpe civil-militar em 1964, em suas palavras a vassoura teria aberto o caminho para a espada.

Outro modo de análise busca enfatizar as qualidades de Quadros no âmbito do marketing político qualificando-o como um grande marqueteiro, a cientista social Vera Chaia em seu artigo “Um mago do marketing político”, parte revisada de sua obra “A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)”, busca interpor os usos da propaganda e autopromoção usadas em suas campanhas como métodos de sensibilização do eleitorado, ao trabalhar junto a seus artificios eleitorais sejam os slogans e símbolos além da própria caracterização pessoal como estruturadoras de uma nova persona política marcada pela liderança e personalismo, auxiliado por uma complexa estrutura responsável pelo marketing político.

Assim se pautam as críticas a Jânio Quadros um político populista sem qualquer qualidade além do histrionismo e capacidade de manipulação, uma análise problemática que não elenca diversos outros fatores apresentados ao longo de sua carreira política além de conferir ao eleitorado um papel insignificante a medida em que foi simplesmente

3 (CASTRO apud QUELER, 2005, p. 4)



persuadido pela figura do bufão e seus artifícios maquiavélicos.

Críticas a esse modo de interpretação começam a surgir ao problematizar diversas inconsistências apresentadas a medida em que, segundo Jefferson José Queler, os autores assimilaram as críticas e afirmações dos opositores políticos de Quadros sem muitos questionamentos, o historiador em sua tese de doutorado busca relativizar a passividade do eleitorado, os efeitos da propaganda janista além da imagem do bufão atribuída por seus opositores pouco questionada diante das análises. Ao analisar a imagética de Jânio Quadros, Queler é capaz de demonstrar que além das “roupas desgastadas” ou dos “sanduíches ocasionalmente guardados em seus bolsos”, o candidato a presidência buscou empregar artifícios visuais que funcionavam em conformidade a elementos políticos defendidos em sua campanha, evidenciados com sua visita a terra santa de forma a afirmar seus compromissos com a fé bem como o uso de *slacks* indianos para demonstrar sua postura quanto a política externa estruturada pela política externa independente (PEI), e em crítica a como apontado pelo mesmo uma “perversa máquina de propaganda” a qual se imputa ao candidato, Queler destaca o apoio de diversos eleitores em sua campanha política, como produtores espontâneos de formas de veiculação e promoção do candidato.

O excêntrico e maltrapilho homem da vassoura, dos gestos acentuados e fala rebuscada, coincidentemente o 22º presidente da república brasileira, número popularmente usado para se fazer referência ao louco, devido a carta de tarô relativa ao mesmo, imagem atribuída por seus opositores e que o acompanharia durante sua trajetória política mesmo antes da presidência, um candidato irrefreável com um discurso intenso contra a corrupção e mau uso da máquina pública que em poucos anos galgou da vereança em São Paulo à presidência da república. A que se deve tamanho sucesso político? Uma questão complexa que não deve ser respondida através de um único parâmetro apresentado pelo candidato em suas campanhas e postura política, seja a propaganda e estratégia de marketing apontadas Chaia, o histrionismo ou seu falso carisma salientado por Benevides, sua integração ao “povo comum” apontada em diversos trabalhos, a participação do popular em sua campanha política trabalhado por Queler, uma integração entre estas características ou a outras mais, explicar seu sucesso requer uma análise mais ampla que não corresponde a proposta deste trabalho, o qual

deve se dedicar ao território do discurso político amparado em seu discurso na cidade de Juiz de Fora ao início de sua campanha à presidência além de suas primeiras considerações como candidato, mas não se limitando aos mesmos, partindo do entendimento que não é possível analisar sua candidatura em 1960 isoladamente ao seu histórico na política brasileira, para isso usando como recursos dizeres do político ao longo da década de 50 publicados na revista popular mineira Alterosa, ativa de 1939 a 1964, entendendo a mesma como um dos diversos meios condutores entre a imagem pública do político e o eleitorado o qual não será excluído desta análise, que fará uso de diversas opiniões provenientes de diversos estados enviadas a revista a respeito de Jânio Quadros.

Dessa maneira este trabalho deve se estruturar em um primeiro momento ao apropriamento das potencialidades atinentes a revista “Alterosa” buscando entender como Quadros exerce sua construção de sentidos acerca da política, sociedade e, por fim, sua própria imagem a fim de se promover e posicionar politicamente, bem como a recepção da mesma aos leitores e corpo editorial da revista, para, por fim, partir para o ano de 1960 através de um recorte que agregue a estruturação de sua campanha rumo a presidência e o comício em Juiz de Fora, Minas Gerais, para assim analisar as estratégias e usos de linguagem utilizadas para convencimento do eleitorado, através da experiência da cidade, buscando salientar a recepção de seu discurso.

## 2. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE JÂNIO QUADROS ATRAVÉS DA REVISTA ALTEROSA

"Este tostãozinho aqui é vocês. O milhão é a sociedade que nós devemos fazer reconhecer a necessidade daquele que precisa, do operário, do trabalhador" assim se lembrava Amadeu Bovi<sup>4</sup> das palavras ditas pelo candidato Jânio Quadros ao estampar o primeiro distintivo de seu material de campanha na estamperia onde trabalhava, seria Quadros aquele que se dedicaria a representar o “tostão” como político, defender a classe trabalhadora frente os interesses econômicos, em suas visitas se sentava em uma cadeira e rodeado de operários era questionado sobre o que faria caso eleito a presidência e assim reafirmava seu interesse em trabalhar pela “gente mais necessitada” e nas palavras de Bovi ensinava aos trabalhadores dali o valor do sindicato e da cooperação entre os iguais, assim é visto não só como um político que busca apenas conquistar votos como também conscientizar o trabalhador, sobre a importância da política e a responsabilidade que a mesma envolve bem como a união entre os trabalhadores, o que lhe rendeu os votos de todos operários daquele recinto.

Muito se destaca os atributos relativos a aparência quando se analisa sua postura como candidato, mas e quanto a suas palavras? Amadeu Bovi, apenas apontou uma característica em relação as características físicas do candidato: “O Jânio era um tipo atlético, quando novo”, ou seja, em sua postura como eleitor não levou em consideração seu conjunto gestual ou fisionômico muito embora tenha se lembrado vivamente dos dizeres do candidato.

Certamente o conjunto de atributos relativos a Jânio Quadros não deve ser desconsiderado em sua configuração como político, todavia deve ser atribuído devido mérito as palavras pronunciadas pelo candidato que dificilmente teria tamanho sucesso sem as mesmas.

Em setembro de 1953, data em que Jânio Quadros ocupava a prefeitura de São Paulo foi publicado o seguinte trecho de sua autoria, na revista Alterosa:

Leio desde que me formei, exclusivamente a Bíblia, uma parábola de

4 Filho de emigrantes italianos, família de forte tradição católica, residente da cidade de São Paulo, trabalhou na oficina em que surgiram alguns dos distintivos de campanha de Jânio Quadros, entrevistado por Ecléa Bosi para a pesquisa do livro “Memória e sociedade: lembranças de velhos.”

vez em quando, além de me descansar a mente, dá-me o conceito de filosofia de que tanto necessito

Quadros faz questão de se apresentar como um indivíduo de fé cristã, a qual estrutura sua personalidade e visão política, atributo que o aproximava da maioria absoluta da população da época composta por aproximadamente 94% de adeptos ao catolicismo sendo a igreja influente também na educação com um percentual aproximado de 75% dos estudantes do segundo grau formados por instituições católicas bem como o controle de 60% das escolas secundárias e 30% das escolas superiores.<sup>5</sup>

E como um “bom cristão” Jânio carrega consigo um senso de moral a ser aplicado em sua maneira de atuar, no mês seguinte requisitando ao ex-prefeito da cidade que entregasse um quadro desaparecido comprado em sua administração e em dezembro afirmando:

Admito e proclamo os males que nos afligem. O ufanismo. A irresponsabilidade. A volúpia da fortuna fácil. A corrupção e a mentira. O comodismo e o gosto do luxo desabrido. A carência de escrúpulos na perseguição dos fins.

A corrupção é posta como sua maior inimiga, popularmente vista como natural a prática política é aquela que em sua atuação se propõe a combater, em outra afirmativa reforça essa oposição: “É preciso acabar com essa mentalidade que vai se difundindo do “Rouba, mas faz”.” perpetuado no país como uma das frases folclóricas mais populares relacionadas a política, difundida pelos adhemaristas a respeito de Adhemar de Barros, um político que não nega ser corrupto mas que apesar disso diz realizar e exercer sua função com o povo, formando um arquétipo político que Jânio Quadros como defensor da moralidade faz oposição, representante de uma forma honesta e impessoal com a administração pública, alinhada aos valores da moral e do trabalho. Sua negativa a corrupção é acompanhada pela oposição aos males e vícios que diz afligir o país, como homem imbuído de valores rejeita da mesma forma todo e qualquer tipo de perversidade.

Viriato de Castro em “O fenômeno Jânio Quadros” busca construir a imagem de Quadros como mais que um político tradicional, um indivíduo que emerge do povo e por não possuir nenhuma característica excepcional, além de sua honestidade e histórico de labuta, seria um porta voz daquilo que verdadeiramente clamam as massas, não um

5 (GIUMBELLI, 2012, p.3)

salvador, mas um representante legítimo dos anseios populares. Semelhante a essa interpretação, a revista Alterosa publica um artigo intitulado “Desses loucos é que o Brasil precisa” na seção “Bilhete do Editor”, ao qual o autor critica os opositores de Jânio Quadros e suas caracterizações depreciativas sobre o mesmo “louco, místico” sendo que a seu ver, seus “atos estão permanentemente a desmentir tais qualitativos”, demonstrado em determinado momento por sua postura de apoio a candidato Juarez Távora situação a qual se classifica como um “soldado empunhando apenas sua arma e seus ideais”, sem se apoiar em seu título como governador, e que se loucos são aqueles que se dispõem a lutar pela recuperação da moral da política pautando seus atos através da honradez, o Brasil precisa de um louco para a “Presidência da República e um em cada governo estadual e municipal.” e então “Seríamos o hospício mais agradável e desejável do mundo.” Seu artigo cumpre com o papel de levar ao público da revista a imagem de um homem honesto, dedicado a lutar pelos seus ideais e defender a moral política do país, e por isso hostilizado por seus adversários, transformando o discurso de negatização de seus opositores em um aspecto a exaltá-lo, o “louco” é positivado a medida em que é aquele que se propõe a defender a moral e os valores tradicionais os quais a política brasileira desesperadamente necessita, sua escrita não passou despercebida gerou comentários dos leitores que com apenas uma exceção endossaram seu ponto de vista.

O leitor mineiro Joel Ribeiro da Silva considera:

“Triste a situação que chegamos (...) a ponto de se considerar “loucura” tudo aquilo que a moral, a honestidade e o patriotismo mandam fazer” e salienta que: “No dia em que tôda essa gente que considera Jânio um louco desaparecer do cenário brasileiro, para que nele pontifiquem exclusivamente os “loucos” tipo Jânio, só então, graças a esses “loucos” benditos, o Brasil terá paz, ordem e progresso.”

Nestor Vergueiro de São Paulo considera Jânio Quadros um:

“Insigne brasileiro, sôbre cujos ombros repousa a responsabilidade da recuperação moral, política e econômica de São Paulo” norteado pela sinceridade e honestidade e conclui que “Jânio dirige um movimento de renovação que, caminhando célere, faz nascer em cada coração uma esperança nova por um Brasil melhor (...).”

Nidoval Reis também de São Paulo frisa que:

“Somente nós paulistas bem-intencionados sabemos o quanto esse filho de Mato

Grosso, veio trazer de benéfico à pátria.”

Um homem de moral com um espírito combativo às injustiças sofridas pelos menos favorecidos, um político que foge ao padrão e que não acata irresponsabilidades cometidas pelo funcionalismo público.

Ao que parece, o governador Jânio Quadros não adota os processos dos líderes populistas que se notabilizaram neste país pela falta de decoro e compostura em público. Que o diga o dr. Sadoco, o médico-folião que tentou fazer momices carnavalescas com o governador paulista... Sua demissão do cargo de médico do Estado foi imediata

É interessante notar a oposição que a revista busca fomentar entre o governador de São Paulo e a prática populista, não é aquele que age em função do apelo popular a fim e se promover mas pelo contrário exerce suas funções tendo em vista sua compostura política, muito embora tenha sido classificado posteriormente como populista por obras como “O Governo Jânio Quadros” de Benevides ou “A Liderança Política de Jânio Quadros 1947 – 1990” de Vera Chaia, o que se observa nesse momento é que o contrário é adotado por seus apoiadores da forma que o “antipopulismo” se compreende como um atributo a ser destacado em sua postura de seriedade e responsabilidade junto a função.

Sua vassoura não serviria apenas para varrer a corrupção, como também para reduzir os excessos do funcionalismo público, a fim de equilibrar as contas do estado, além da moralidade trazia um modus operandi administrativo voltado à responsabilidade fiscal, característica de destaque em seu período como governador<sup>6</sup>.

Desde que tomou posse no govêrno de São Paulo, o sr. Jânio Quadros ainda teve oportunidades de dar descanso a “vassoura”. Começou por dispensar do serviço público 6 mil mensalistas e diaristas admitidos depois de 1º de janeiro. Determinou que cessassem imediatamente de trafegar 210 carros oficiais. O homem da vassoura anuncia uma série de outras medidas destinadas a comprimir as despesas, equilibrando orçamento do Estado

Postura vista como irrelevante diante dos diversos outros problemas apresentados pela cidade e estado de São Paulo até então soluções, segundo S. A. Almeida, único leitor a se contrapor ao artigo supracitado:

6 Apontado como ponto benquisto pela população nas análises de Queler e Skidmore.

Jânio Quadros na Prefeitura municipal (...) aumentou as tarifas dos ônibus, aumentou os impostos territoriais e demitiu funcionários que pouco pesavam no orçamento municipal. Eleito governador (...) demitiu funcionários para logo após readmiti-los e quanto ao aumento do preço da carne a reforma policial ou a falta de água nada fez (...) Pobre deste país se o sr. Jânio for algum dia Presidente da República.

Durante o ano seguinte em 1956 a revista se abre para receber a opinião de seus leitores sobre quem seria “O Brasileiro do Ano” entre personalidades como Dom Hélder Câmara, o então presidente da república Juscelino Kubitschek ou ainda o Marechal Henrique Teixeira Lott, Jânio da Silva Quadros desponta como um dos favoritos entre os leitores, que repetem a prerrogativa já tratada anteriormente, o brasileiro honesto e idealista que trabalha pela moralização de seu país, como é possível notar na opinião de Natanael V. Schmidt leitor de Sorocaba São Paulo:

Se há alguém neste país que merece realmente o título sugerido por Alterosa, este alguém é Jânio Quadros, um brasileiro digno, voltado para os mais legítimos interesses da Pátria, que tem se sacrificado decididamente na reimplantação da austeridade e da honestidade na administração brasileira.

Também de São Paulo Odorico Sampaio explica seu voto: “Porque é o chefe político da atualidade que compreendeu o maior problema brasileiro: vassoura para os dilapidadores do tesouro público”

Outro leitor, não identificado, atribui a Jânio o título pois:

Foi o primeiro chefe do executivo que teve e tem a coragem de combater, de lutar pela extirpação da corrupção. Se ele não a extermina por completo, é porque lhe faltam meios legais A atitude do sr. Jânio Quadros é de muita coragem e de espírito de renúncia e de sacrifício(...)

Coragem reafirmada por Antônio R. Pereira de Santos, São Paulo:

Na minha opinião, o brasileiro que deve merecer a admiração de seus patrícios é o Sr. Jânio Quadros, pelo exemplo de coragem que tem dado aos nossos governantes. Foi o primeiro que tomou a si a tarefa de enfrentar problemas desagradáveis, embora soubesse que esse modo de agir lhe custaria incompreensão dos menos esclarecidos. Graças a sua atuação, inflexível e rigorosa, já está reduzido enorme déficit e

restabelecido o crédito de um govêrno que ele recebeu desacreditado. Para conseguir isso, precisou, é claro, desgostar muita gente – principalmente os desonestos. Se para os grandes males se recomendam grandes remédios, o Sr. Jânio Quadros tem sido o remédio para os nossos. Desagradável para muitos, mas absolutamente necessário.

E assim no ano de 1958 passados dois anos de seu mandato, a revista enfatiza sua qualidade como administrador;

De calamitosa, a situação financeira de São Paulo chegou à categoria de norma, em apenas dois anos do govêrno janista. Enquanto isto, a quase totalidade dos grandes Estados brasileiros continua acumulando déficits cada vez maiores. Jânio Quadros é um homem sem compromisso partidário, cuja legenda tem sido apenas honestidade e trabalho. Não estará ai a receita de que tanto carece o resto do Brasil?

Se Jânio Quadros fez isso por São Paulo, o que não faria pelo país? Sem se apegar a qualquer partido, carrega consigo apenas seu compromisso com o dever político pautado nos valores da honestidade e do trabalho, assim é construída a imagem do candidato ao público da revista mineira as vésperas das eleições, e no ano de 1959 “Alterosa” abre uma seção para receber a opinião de seus leitores, e mais uma vez Jânio Quadros surge como um dos favoritos e se a maioria das opiniões acerca do candidato eram procedentes de São Paulo, agora se diversificam os eleitores que o apoiam em Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais, inclusive pela cidade de Juiz de Fora, que será explorada ao longo dos próximos capítulos.

Entre os apoiadores de Jânio Quadros como novo presidente surge Wiegando Reinke de Paranaíba, Paraná o qual afirma votar em Quadros pois “é um grande realizador, como está visto no Estado de São Paulo”, o belo-horizontino Nelson V. Maia afirma valer “uma bandeira de honestidade, espírito público e dinamismo realizador (...)” Hermergildo F. Xavier mineiro residente em São Paulo capital, enfatiza que “Jânio Quadros que não sendo paulista é, antes de mais nada, um grande, brasileiro” e por último, João Duarte, de Lucélia São Paulo aponta “Para o Brasil, a única solução e a derradeira esperança é Jânio da Silva Quadros”

Enfim, todo seu histórico político culmina em sua candidatura e eleição à presidência do país, a revista “Alterosa” autodenominada “a revista da família mineira”,



expressa seu apoio aos valores tradicionais carregados por Jânio Quadros e desde seu cargo como prefeito passa a acompanhá-lo levando e ajudando a difundir entre os leitores a imagem que o político busca passar através de suas ações e pronunciamentos, um brasileiro honesto que trabalha arduamente para combater as injustiças de seu país, um administrador capaz de equilibrar as contas de sua cidade e estado, um homem perseguido e hostilizado por sua ação política, com isso ganhando adeptos que acreditavam que o político traria através de sua “vassoura” a limpeza e renovação da política brasileira, como visto nos comentários expostos, resguardando que os mesmos longe de expressarem uma “opinião pública”, que em última análise não existe<sup>7</sup>, servem para caracterizar uma parcela bem específica, no caso os leitores da revista, os quais tiveram contato com o conteúdo subscrito bem como a opinião de outros eleitores que além de passivos e receptores desempenham seu papel como também possíveis transmissores de ideias que podem convencer seus iguais acerca de um determinado assunto mesmo que de forma despropositada, havendo também ações intencionais as quais o público faz parte da promoção do candidato, como visto por Queler em sua pesquisa junto as cartas enviadas a Quadros as quais retratam, mesmo sem qualquer proposição feita pelo político, diversos eleitores produziram materiais eleitorais associados ao mesmo, sem mencionar a instalação dos comitês do Movimento Popular Jânio Quadros em diversas cidades.

Ao longo de sua trajetória política é possível notar que Jânio Quadros busca assumir duas posturas características a primeira como um “antipolítico”, termo utilizado por Thomas Skidmore em sua obra, no sentido em que se opõe as irresponsabilidades cometidas pelo funcionário público ao se apresentar como um político distinto ao tradicional pronto para combater as “injustiças” cometidas pelo mesmo apoiado por sua idoneidade moral e a segunda como a de um “apartidário”, a medida em que não se mantém refém às ideologias partidárias, muito embora pelo contrário tenha plena convicção daquilo pelo que trabalha e acredita, um homem convicto de seus ideais que empunhado de sua vassoura limparia o cenário nacional da bandalheira, assim o “paladino da moralidade” chega à campanha presidencial em 1960.

7 (BOURDIEU, 1981, P. 12)

### **3. O OTIMISMO FRENTE AO CENÁRIO DE CRISE, O INÍCIO DA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE JÂNIO QUADROS.**

Assim se inicia o ano eleitoral de 1960, um ano em que pautas como o desenvolvimentismo, o alto índice inflacionário e a posição internacional do país frente a guerra fria seriam algumas das principais a serem tratadas pelos candidatos a presidência, os “anos dourados” se passavam e deixavam um rastro pouco reluzente ao que viria a seguir, um processo de crise que já poderia ser observado anteriormente principalmente na esfera política do país, seja com as questões que levam ao suicídio de Vargas ou a tentativa de golpe frustrada da UDN frente a eleição de Juscelino Kubitschek, a qual emerge o Marechal Teixeira Lott principal adversário de Jânio Quadros durante a eleição presidencial, as desavenças ao final do governo entre JK e Brizola e assim em diante, aliado a crise econômica provocada pelo desenvolvimentismo, um aspecto a ser contemplado tanto pelos aspirantes a presidência em suas campanhas quanto ao presidente eleito em seu plano de governo.

Crises sucedidas de crises que não seriam resolvidas facilmente tendo em vista esse momento vivenciado pelo país Jânio Quadros envia uma mensagem de ano novo ao povo brasileiro, publicada pela Revista Alterosa em 15 de Janeiro:

O país vive dias terríveis de inquietude e aflição. Os pobres, cada vez mais pobres, resvalam para a miséria. Os ricos e poderosos, surdos ao clamor das multidões. As crises se sucedem. Políticas... Econômicas... Financeiras... Militares Sociais... A irresponsabilidade e a insensibilidade, o despudor e o egoísmo, as ambições sem freios, a mentira, a fraude e o furto, parecem avassaladores

Sua escrita não remete a um contexto favorável para o ano novo, pelo contrário se denuncia o estado ao qual o país e a política estão imergidos, deixando implícita a necessidade de um resgate, aquele que aponta os problemas provavelmente buscará as soluções e contra os antagonismos apresentados Quadros carrega suas virtudes e se insere na disputa pela presidência da república, a qual segundo Alterosa tem seu início virtual no dia 2 de janeiro data em que foi recebido em Belo Horizonte por Magalhães Pinto, presidente da União Democrática Nacional (UDN), e do amanhecer ao anoitecer percorreu os bairros da capital mineira recebendo apoio dos populares por onde passava,

recebeu uma homenagem dos metroviários, recebeu a imprensa na casa de Pinto, fez uma visita ao arcebispo Dom João de Resende Costa e finalmente participou de uma concentração popular realizada no auditório da Secretaria de Saúde, ao qual compareceram mais de três mil pessoas incluindo seus correligionários.

Ao longo desse dia atribulado Jânio expressa suas preocupações e proposições e Alterosa veiculou aquilo que fosse, segundo a mesma, digno de conhecimento pelos leitores entre as quais está a sua candidatura não como algo intencional a medida em que tentou evitá-la, tendo em vista sua desistência a mesma em novembro de 1959, mas diante da gravidade em que o país se encontra e da grandiosa tarefa de moralização da república acabou se rendendo visto que alguém deve realizá-la e caso eleito a cumpriria mesmo que “custasse sua própria vida”, seu programa se baseia em colocar ordem no país em suas múltiplas esferas seja econômica, política ou social, se mantém em posição parcimoniosa quanto a construção de Brasília e o projeto desenvolvimentista tendo em vista as necessidades humanas, se coloca como defensor da Petrobras denunciando as “falácias” de seus adversários, em especial dos comunistas que através do posicionamento de Luiz Carlos Prestes em “Por que os comunistas apoiam Lott e Jango” classificaram-no como um candidato que se promovia pela demagogia e devido a suas posições e alianças representava as forças do “entreguismo”, defendeu uma reforma cambial e salientou os males gerados pelo processo inflacionário, reafirmou seu descompromisso com todo e qualquer partido, afirmando seus deveres para com a previdência social, uma educação mais acessível à " massa popular", independência sindical e como esperado seu dever junto a moralização do país.

Em um primeiro momento Quadros através de seus pronunciamentos transita entre a imagem de “salvador”, ao manifestar a necessidade do resgate da nação e se voluntariar ao dever, quanto a de “mártir” tendo em vista o sacrifício demandado e sua disposição em oferecer a “própria vida” pelo país exaltando a virtude da coragem atribuída ao mesmo por eleitores, como visto no capítulo anterior, com relutância em abandonar a sua imagem de homem convicto não admite sua mudança de postura quanto à Petrobras, visto seu apoio enquanto governador à Juarez Távora conhecido como representante do movimento “entreguista”, além do peso que a classificação o colocaria frente ao eleitorado, qualquer argumento contrário é intriga da oposição, continua sendo

perseguido pela mesma, tendo em vista possíveis eleitores não busca se contrapor de maneira expressiva ao popular governo anterior, embora não se preocupe com o apoio comunista o qual é em diferentes momentos antagonizado em sua campanha.

Apesar de sua agenda política aproximá-lo a um viés mais ao espectro da direita em uma afinidade neoliberal quanto a economia, ainda adota posturas vistas como de esquerda como não só seu apoio aos sindicatos a defesa sobre sua independência, popularização e ampliação da educação e intervencionismo do Estado na sociedade, muito embora continue como um representante do conservadorismo através de sua preocupação junto a preservação da moral e bons costumes, seu apartidarismo também é visto nesse âmbito, defende posturas ligadas a sua convicção indiferente a uma consonância a direita ou a esquerda.

Antes que a revista fosse publicada, o jornal Tribuna da Imprensa de Carlos Lacerda publica quais seriam as primeiras palavras do candidato a presidência, escrita durante o primeiro dia do ano e intitulada pelo jornal como " Mensagem de Jânio fala em tempos ásperos e em fé " e segundo o mesmo destinada a família brasileira e principalmente aos moços pregando a confiança contra o pessimismo, já adiantando diversas posturas que seriam adotadas em seu breve governo.

Ao início de sua mensagem apela para um discurso amparado nos ideais de igualdade paz e humanidade, expresso através de sua visão de que o mundo caminhava para um momento de tomada de consciência dos ditos países subdesenvolvidos, os quais acima de qualquer diferença ocupariam seus lugares entre os países livres e independentes, sendo que ao Brasil caberia se desprender das amarras proporcionadas pelo imperialismo em prol das "liberdades democráticas" de seus filhos, um papel que o país deveria desempenhar para servir como exemplo ao mundo.

Dessa maneira se moldavam suas concepções diante do contexto de guerra fria que se instaurava, o Brasil deveria se posicionar de forma independente as pressões internacionais na forma de uma política externa independente (PEI), portanto sua abertura ao bloco comunista não deve ser interpretada como arbitrária, apesar da oposição exercida pelos comunistas no país, visto que já em sua campanha se apoiava uma política externa sem alinhamento a qualquer lado, amparada no desenvolvimento comercial do país frente ao contexto internacional.

A identidade e nacionalidade brasileira como vista em seu discurso é apoiada pela herança latina, lusitana e cristã e por meio destas deve assegurar o desenvolvimento pacífico e pregar pela esperança em meio aos “tempos ásperos de pessimismo”, o qual se diz por índole contrário pois aqueles que pregam a estagnação não acreditam no futuro do país ou na força de seu povo, convoca em especial os jovens moços para que se entreguem de corpo e alma para auxiliarem a encerrar um ciclo político, que apesar de fecundo levou o país as “portas da desintegração e das incompatibilidades irremediáveis”, para assim auxiliá-lo como um presidente que empreenderia todas suas forças em elevar o país a seu “destino histórico”.

Ao Finalizar seu discurso o político demonstra suas preocupações acerca das questões estruturais ao abordar suas crenças e posições acerca da superação das crises e desenvolvimento do país, defende uma política econômica comprometida com os interesses do Brasil em dissonância as influências internacionais e alienígenas, a fim de conter a inflação de forma harmônica na forma do desenvolvimento e investimento público em meios produtivos, defende a distribuição de renda, a reforma agrária como medida de produtividade a solos improdutivos e como meio de labuta e entrada ao mercado consumidor destinado aos párias e marginais, diversificação da exportação criação de pontos comerciais ao redor do mundo, defesa e valorização das empresas nacionais, contrariedade a internacionalização das riquezas do país, e, por fim, considera estas como razões justas para que brasileiros de boa vontade se solidarizarem, sejam os estudantes, os produtores rurais ou o proletariado.

Como visto até aqui Jânio Quadros é um homem de fé, seu chamamento se destina as famílias brasileiras, sua moral é inegavelmente cristã, suas convicções e ideais se alinham a mesma, com isso seu apego a família a moralidade e ao trabalho, a identidade nacional defendida é a religiosa e como tal, deve se ater as esperanças, trabalhar por seu futuro e servir como exemplo de democracia em que vigore a liberdade e a igualdade, e sobre tudo a paz e a moralidade, diversas das decisões tomadas em seu governo são criticadas e tidas como arbitrárias ao passo em que Skidmore o caracteriza como uma espécie de “Napoleão moderno”, mas que ao contrário do imperador francês empreendia suas energias em questões sem valor, Marcelo Azevedo Botelho em sua dissertação de mestrado busca demonstrar a complexidade envolvida na tomada dessas

medidas ,vistas como folclóricas, através de sua pesquisa junto a imprensa católica é percebido o como as medidas moralizantes seja a proibição do lança-perfume, rinha de galo, ou exibição de mulheres em roupas íntimas nos aparelhos televisivos, faziam parte de um conjunto de demandas relativas a grupos conservadores da sociedade os quais mostravam insatisfação ao rumo em que sua política internacional caminhava pela reaproximação dos países comunistas, sendo assim mais que medidas morais pelo bem dos bons costumes serviriam como uma forma de neutralização dessas forças.

Sua aproximação a países alinhados a União Soviética, através desse entendimento não deve ser vista como uma aproximação do comunismo, a medida em que o mesmo é antagonizado e por uma questão ideológica não pode coexistir com o tipo de sociedade caracterizado por valores cristãos, preconizado em sua forma de enxergar o passado, presente e futuro do país.

De uma forma no mínimo ambiciosa em seu discurso busca se construir como aquele que elevará o país ao estabelecê-lo no patamar dos países tidos como desenvolvidos em uma posição de destaque no âmbito internacional, posição até então privada ao mesmo pelas posturas políticas anteriores que impediram-no de exercer todo seu potencial e papel para com o mundo, apesar de se preocupar em não apresentar uma oposição clara a JK ou a Getúlio Vargas, o cenário de crise pouco é diante desse aspecto, o Brasil impedido de cumprir seu “destino histórico” pelas forças do atraso, estaria preso a uma política externa não condizente, a maneira em que se subalterna aos interesses do imperialismo como mera caricatura de suas capacidades, Jânio Quadros no ímpeto de suas forças suplantara o atraso e levaria o país ao encontro de seu verdadeiro papel e compromisso mundial, mas primeiramente o país deveria se portar segundo suas necessidades para desenvolver-se não havendo outro modo senão expandir suas e exportações e conquistar novos mercados ao redor do globo mesmo que isso significasse uma aproximação dos comunistas, potenciais parceiros na via econômica, Quadros como defensor do otimismo e da esperança reconhece que sozinho não conseguiria dar cabo ao árduo e inigualável desafio e para isso clama ao brasileiro, sem se importar sua classe social por seu apoio, votos, e solidariedade para com esse nobre ideal.

O homem que começa se preocupando com o mais pequeno e explorado, se incumbe agora de uma grande tarefa, se antes apenas um “soldado empunhado de sua

arma e seus ideais”, Jânio Quadros agora deveria se portar como um general e liderar seu “exercito” rumo a vitória, nas urnas, e seus concorrentes não eram nada menos que um Marechal e um adversário de longa data cujo a postura política jurou combater.

Marechal Henrique Teixeira Lott, indivíduo reconhecido por suas atuações em defesa do estado conferindo uma posição de nacionalista tendo partido em defesa ao funcionamento pleno das eleições como ferramenta democrática na conturbada posse de JK, assumindo posteriormente a vaga de ministro da guerra em seu governo, se colocava na contraposição de Jânio Quadros, como uma figura bem alinhada centrada preparada para colocar país nos eixos segundo parte da imprensa, como analisa Queler, e que empolgaria o país como o jornal “O Repórter” de Uberaba que o apresentava a seus leitores, como mais que uma promessa seria uma realidade naquele contexto, segundo Luiz Carlos Prestes um homem comprometido aos ideais democráticos que apesar de uma postura politicamente conservadora que rejeitava a aproximação do país a União Soviética, deveria receber apoio dos comunistas em uma disputa travada pelo nacionalismo contra a demagogia e “entreguismo” representado pela candidatura de Jânio.

Já com Adhemar de Barros a disputa entraria para o lado pessoal, um adversário de longa data, reconhecidamente como típico político populista, através da lógica do “rouba, mas faz” disseminada por seus apoiadores, Barros representava o arquétipo descrito por Quadros em seus discursos e apesar de não ser a última vez que o enfrentaria em uma eleição era o momento definitivo de disputa entre duas personalidades políticas discursivamente opostas, de um lado o corrupto assumido que ajudaria a difundir a crença popular da corrupção como inerente a prática política, a medida em que todo político está suscetível a corrupção sendo aquele que faz o mínimo pelo homem comum digno de eleger-se, do outro lado, contrário a essa corrente Jânio Quadros, como já analisado, a defesa de uma forma oposta de ser fazer política pautada em valores como a honestidade o trabalho e a moralidade, de forma que a corrupção deve ser combatida e não encarada com naturalidade no meio político.

Diante do cenário apresentado, Jânio Quadros que iniciava oficialmente sua campanha em Belo Horizonte percorreu as cidades de Minas Gerais a fim de conseguir o apoio que tanto precisava para assumir presidência e efetivar seus planos para com o país

e no dia 4 de Janeiro em sua passagem pelo interior do estado chega em Juiz de Fora, sendo recebido de uma maneira calorosa por seus apoiadores na cidade, mesmo antes de sua visita já surgem opiniões em apoio a sua candidatura na revista Alterora, entre as quais está a de Maria da Conceição Veiga residente da cidade que ao final do ano de 1959 manifesta sua concepção sobre a política e a eleição que ocorreria no próximo ano:

Com Magalhães Pinto no Palácio da Liberdade, e Jânio na chefia da União, estou segura de que poderíamos gozar de cinco anos de verdadeira recuperação moral, econômica e financeira. Já que os nossos partidos não têm programas, vamos escolher homens que os tenham e com necessária força moral para fazê-los cumprir

A eleitora juiz- forana em sua mensagem traz alguns aspectos interessantes a maneira em que percebe a imagem de Jânio Quadros, vale destacar a valorização da moralidade do indivíduo visto a sua posição quanto aos partidos e importância atribuída ao homem em sua individualidade, representado por Quadros, mas não só pelo mesmo como por Magalhães Pinto, visto a questão de o primeiro enfatizar seu descompromisso partidário, como programa político são reconhecidos os valores carregados pelos candidatos que por si só garantiriam uma boa administração.

Imbuído de boas intenções movido pela fé e esperança Jânio Quadros é recebido na cidade de Juiz de Fora, sendo acolhido de uma forma além das expectativas, segundo o jornal Tribuna da Imprensa, em um percurso de cinco quilômetros em um carro aberto o candidato presenciou as portas das casas se abrindo para que as donas de casa pudessem demonstrar seu apoio empunhando suas vassouras em um momento que “a cidade inteira veio as ruas”, alguns pontos devem ser frisados como a procedência do jornal, sob mando de Carlos Lacerda (UDN) apoiador da candidatura de Jânio Quadros, bem como o clima de euforia comumente estabelecido na realização de comícios em cidades pequenas, a vassoura como um símbolo o aproximava do eleitorado representado pelas donas de casa, vistas muitas vezes como aquela que nada faz não tem voz ativa ou participa plenamente da sociedade, sendo pouco problematizada enquanto eleitora bem como participante ativa da sociedade<sup>8</sup>, inegavelmente alguns elementos, já trabalhados, apresentados por Quadros incitariam esse apoio embora seja da mesma forma inegável que a vassoura trazia consigo um simbolismo que remeteria a um aspecto de identificação



com as eleitoras, ao final chega a praça João Penido onde discursou para o público e rapidamente prosseguiu com sua caravana rumo as próximas cidades mineiras.

Os detalhes de seu discurso na cidade serão explorados através do próximo capítulo bem como algumas particularidades da cidade em relação ao contexto eleitoral após a passagem de Jânio Quadros, antes disso se faz necessária uma breve recapitulação e reflexão diante dos discursos analisados bem como a atribuição de sentidos empregada pelo candidato ao início de sua campanha.

Jânio Quadros se apresenta através de algumas faces distintas em sua forma discursiva, como analisado em um primeiro momento como mártir e salvador, como homem comum, mas também como representação expressa de valores, defensor da esperança, mas também como a própria esperança “Jânio Quadros é a esperança desse povo abandonado!”<sup>9</sup>, mas que em seu conjunto estruturam e modelam um personagem político que a despeito das características físicas mas atrelado a algumas concepções políticas formam a essência maleável, visto a forma em que suas ideias se compõem em independência a aspectos exteriores como partido ou posição no âmbito da esquerda ou direita, e paralelamente rígida, visto a dureza apresentada por seu conjunto de lógicas e negação a qualquer abertura, por não se vincular a um discurso partidário revela características passíveis de identificação de diversos grupos, mesmo que haja uma bandeira cristã implícita, mas que a sua maneira é transfigurada do âmbito religioso ao político, ou talvez seja por essa bandeira e seus valores que tendem em menor ou maior grau a ser universais, como a paz, a solidariedade e mais uma vez a moralidade, tendo em mente o percentual de adeptos da fé no contexto e influência religiosa na educação do país, seu discurso é capaz de suscitar questões no tocante político que incorrem a uma integração de interesses comuns, seja às donas de casa aos ferroviários ou aos trabalhadores urbanos, a medida em que essa “forma” política Jânio Quadros, somado a positividade de seu discurso a presidência, reconhece as dificuldades mas mantém o otimismo atrelado a planos que iriam além da superação da crise, em um conjunto de palavras que demonstram e conferem confiança ao trabalho proposto e futuro do país.

Como homem moral precede a necessidade de uma discussão plena acerca do planejamento político, como pode ser percebido ainda que pouco estruturado havia um

9 Frase presente em seu jingle de campanha.

conjunto de ações destinadas a superação da crise e desenvolvimento do país, como observado no comentário da eleitora juiz-forano, ou dos outros leitores e eleitores da revista Alterosa que depositam no indivíduo e suas convicções o conjunto de valores necessários para a efetivação de uma prática política capaz de beneficiar o país.

Por fim com um ideário próprio baseado em suas convicções, que certamente representa anseios de determinados grupos da sociedade, apresenta também uma preocupação com sua adequação ao eleitorado no contexto assim estrutura seu discurso pela presidência da república, se foi entreguista algum dia, agora se pautava em um pleno nacionalismo e patriotismo em um plano que envolve a libertação do país às correntes do imperialismo, seja qual for, e aproximação interessada junto aos a países até então negados devido a essa amarra, o Brasil em seu governo poderia enfim assumir seu verdadeiro papel para com seus filhos e também com o mundo, pautada em uma concepção individual que não poderia ser executada individualmente mas em conjunto com todos aqueles que correspondessem ao digno ideal, tendo em vista esse aspecto é devido analisar a especificidade de seu discurso na “Manchester Mineira” bem como a correspondência entre a visão estabelecida e urgências levantadas pelos eleitores frente ao período.

#### 4. JÂNIO QUADROS EM JUIZ DE FORA

Dia 4 de janeiro Jânio Quadros chega a cidade de Juiz de Fora e logo em sua descida no aeroporto da serrinha é recebido por populares reunidos para manifestar apoio a sua candidatura, segundo o correspondente do jornal “Correio da Manhã”, em uma expressão de carinho e confiança, acompanhado por seus correligionários, entre os quais Magalhães Pinto, Lino de Mattos e Oswaldo Pieruccetti, Quadros se dirige ao hotel da cidade e após alguns minutos de descanso recebe jornalistas discorre sobre a agricultura, considerando uma questão essencial que requer medidas urgentes e diz que caso eleito governaria o país através da cidade de Brasília, porém considera a velocidade de sua construção uma das principais causas do surto inflacionário.

Mais tarde junto a sua comitiva percorreu a cidade até chegar ao seu destino final a praça João Penido onde um número expressivo de apoiadores o esperavam para ouvir seu discurso, sendo alvo de afeto teve dificuldades para subir no palanque reservado para o comício e durante cerca de 40 minutos expôs suas preocupações e apresentou propostas para enfrentar o cenário de crise que afligia o país.

Jânio Quadros inicia seu discurso<sup>10</sup> incitando os trabalhadores a se libertarem das algemas que os mantêm no pauperismo e na miséria caminhando com os “próprios pés” e prossegue em tom de crítica ao denunciar a torpeza dos “aproveitadores” que através de uma vida de golpes se enriquecem mediante ao processo inflacionário, enquanto os pobres imergem na miséria, além de começar a apontar deficiências no tocante da previdência social: é “dirigida por falsos defensores do operariado”, saúde “o Brasil pode gabar-se de contar a seu favor com os mais elevados índices de mortalidade infantil” e educação considerada pelo mesmo uma “verdadeira farsa, mantendo mais da metade da população analfabeta”.

Assim as crises do país são mais uma vez expostas não só a economia sofre por medidas dos governos anteriores como também os sistemas previdenciário, de saúde e educação, como avaliou em seus primeiros pronunciamentos um momento desastroso que o incutiu a candidatar-se, as relações internacionais do país mais uma vez tomaram

<sup>10</sup> Transcrito pelo jornal “Correio da Manhã” precedido pela manchete Jânio em Minas: “Há os que lucram num processo inflacionário são uns espertalhões, negociistas usurários”.

destaque:

Eis um país tímido. Estávamos com medo até de vender um cafezinho à União Soviética. Um país que tem medo de dizer ao mundo: Não tenho amigos inseparáveis nem inimigos irreconciliáveis.. Acabou-se o colonialismo na África e na Ásia. Sou contra todas as manifestações imperialistas, porque a terra é muito pequena para que não demos as mãos, nós todos, brancos, negros ou amarelos. Acreditamos em nós próprios, no nosso passado e no nosso presente cristãos. Geralmente podemos e devemos todos firmar a nossa personalidade nas relações internacionais

Dessa maneira, reforça a necessidade da expansão do mercado externo, não há medo do imperialismo os interesses e posição independente do país devem ser preconizados em sua política, o elevado grau de influência norte-americana até então exercido no país é negado pela forma em que prende e limita a frente internacional do Brasil, uma nação no passado e no presente cristã e que deve se ater a essa identidade e partir para uma integração entre os indivíduos independente de suas diferenças, o trecho de seu discurso se liga ao anterior, o fim do colonialismo representava a seu ver um novo momento do contexto mundial onde países explorados passariam a exercer suas funções e se posicionar frente ao mundo e diante desse processo o Brasil deveria se firmar como país independente a qualquer posicionamento ou interferência em uma relação de coragem e imposição.

E prossegue:

Como o atual govêrno sabe que posso chegar ao poder sem compromissos, sem dolo, êle inventa mil artimanhas: o mandato tampão, prorrogação de mandatos, soma de legendas. Mas um dia uma bomba explodirá nas próprias mãos encarvoadas daqueles que procuram obstar minha subida ao poder.

Salienta sua posição não compromissada a forças exteriores, como visto algo que eleito faria como postura também do país, enfatizando os entraves provocados pelo governo, opositivo a essa questão.

E Finaliza:

Dizem mais, que represento apenas a Vila Maria, que sou contra a

Petrobras. Mas a verdade é que defendi esta empresa no tempo em que os comícios em seu favor eram dissolvidos a patas de cavalo e com bombas lacrimogênicas. Eles inventam tudo contra a minha reputação porque sabem que se eu chegar ao palácio presidencial hei de varrê-los a todos ponta a ponta.

Pela teoria do discurso a verdade é construída argumentativamente todas as relações passadas, em prática não existem quando se discursa, o ato discursivo é desempenhado no presente e sobre o mesmo se busca construir sentidos e fixá-los, a verdade se faz no presente e independe do passado<sup>11</sup>, neste sentido Jânio Quadros constrói seu discurso elencando elementos que o auxiliam a fixar um sentido e noção de verdade, em oposição aos sentidos atribuídos a sua imagem por seus opositores, a questão da Petrobras, o classificaria ou como defensor dos interesses nacionais ou entreguista, como visto em todo seu discurso se pauta como pleno representante do primeiro e aqui argumenta que sua defesa a estatal vem desde que seus defensores eram oprimidos, um argumento de autoridade, se há alguém a favor da Petrobras seria ele, entre outras críticas da oposição se constrói em uma noção a ser constituída sobre os adversários. Como homem de moral, honesto e corajoso empunhado de sua vassoura provocaria temor a seus oponentes, descompromissado com interesses privados mas carregando a bandeira da cristandade, de seu país e do menos favorecido varreria o cenário nacional ponta a ponta contra os pregadores da falácia que se apropriavam do Estado como meio de promover suas próprias finalidades

Ao longo de sua viagem Jânio Quadros tece críticas ao governo e a situação do homem comum como visto no trecho:

O homem do campo, o colono curvado sobre enxada é um pária desgraçado. A ele nem sequer chegou essa caricata legislação social. Agora, Minas Gerais, terra natal do Presidente da República, chamei alguns colonos e perguntei-lhes quanto recebiam por uma Jornada. Uma miséria. Uma insignificância.

Mais uma vez se denuncia a condição dos agricultores em Minas a mesma medida em que crítica a postura do então presidente que apesar de sua origem não se propôs a transformar essa realidade, porque então persistir com os governistas se o filho

11 (PINTO,2005, p.80)

de Mato Grosso que tanto fez por São Paulo agora se propunha a dar continuidade de seu trabalho em todo o país.

Uma única certeza permeia entre Quadros e seus correligionários ao fim de sua comitiva, diante do inesperadamente elevado apoio e adesão a sua candidatura em Minas Gerais, venceria naquele Estado.

Seu discurso em Juiz de Fora pode ser considerado curto, porém capaz de elencar diversos sentidos em sua candidatura, contexto do país, planos para a presidência, sua imagem e a de seus opositores, qual seria a pertinência destes aspectos junto ao contexto e eleitorado juiz-forano? Para responder a essa pergunta a Revista Alterosa traz alguns sinais, através de uma seção chamada a “Voz do Brasil” que incorpora algumas críticas feitas em jornais da cidade.

Em Abril a revista lista um trecho originalmente publicado pelo Diário Mercantil de Juiz de Fora:

Esse negócio de querer acabar a galope com o subdesenvolvimento, em vista de certos fatos, não nos trará vantagens. Antes subdesenvolvidos com fartura e tranquilidade do que desenvolvido com custo de vida que aí está. Mas os técnicos dizem que não há de ser nada. E eu que sou leigo na matéria, só tenho que meter a viola no saco

O cenário de crise vêm a tona, modifica e intervem no cotidiano dos eleitores um clima de insatisfação percorre o cenário político e a esfera governista em decorrência aos custos proporcionados por sua política, Jânio Quadros navega junto a essa corrente de insatisfação e representa entre suas propostas, como visto no capítulo anterior, a continuidade do desenvolvimentismo desde que seja esteja “dentro das reais possibilidades do tesouro público, e sem omissão dos problemas fundamentais do homem: alimentação, educação, saúde e paz social.”, seu discurso se solidariza com as preocupações expressas pelo diário e se ampara em seu modo administrativo junto ao estado de São Paulo.

Na outra página em um recorte do mesmo jornal, se manifesta o mesmo tom de críticas a esfera econômica do país:

A Central do Brasil acaba de anunciar com ares triunfais que, em 1959, teve a maior arrecadação de tôda a sua história. Isso parece que não é nenhuma novidade. E muito menos nenhuma vantagem. A vantagem

real é gastar menos do que se arrecada ou então só gastar o que se arrecada, não passando de tal limite. Não é isso, no entanto, o que vem acontecendo desde muito tempo. Quanto mais se arrecada, sobrecarregando o povo de tributos. Tanto mais se gasta. A Central do Brasil deu a cifra elevadíssima da sua arrecadação. Mas não deu o montante das suas despesas no mesmo período.

Em meio a crise econômica se reclama também da tributação e gastos negligentes do atual governo e como mencionado Jânio Quadros trazia consigo a fama de bom administrador o que certamente o coloca a um passo a frente de seus adversários nesse quesito. O gasto com fantasias de carnaval provoca insatisfação frente ao contexto como pode ser observado na escrita de Paulo Japyassu pela Gazeta Comercial de Juiz de Fora

Fantasia de 300 e até 700 mil cruzeiros, foram mostradas pela TV-Rio (...) os luculianos foliões escandalizaram e afrontaram uma multidão que se contorce numa crise de apertura jamais imaginada, em que um chefe de família não pode orçar (...) sua despesa de amanhã.(...) somas dilapidadas numa fantasia de carnaval.

Atrelado as questões indicadas o leitor juiz-forano Edgard Diniz Almeida expressa sua opinião:

Precisamos de homens decididos, com um passado político que os recomende à confiança popular, tão grosseiramente mistificada nestes últimos anos de nossa desgraçada República. A hora é grave e não admite meios termos, a menos que se deseje externizar êsse lamentável estado de coisas que chegamos. Jânio (com Ferrari na vice), para o Palácio da Alvorada. Magalhães Pinto ( com Celso Azevedo na vice), para o Palácio da Liberdade.

Diante do estado em que o país se encontra o tempo urge e clama por homens preparados que por seu passado político inspirem confiança a população, preparados para colocar os interesses do país frente a seus mandatos e que tenham em igual qualidade um compromisso com as questões nacionais.

Outro dia, um senhor queria saber se o cronista é nacionalista. Sim o cronista é nacionalista. E julga ainda o seguinte: brasileiro que não for nacionalista não é bom brasileiro. Não concordamos é com essa parcela

de maus brasileiros que, de uns tempos pra cá, tirou carteira de “nacionalista”. Mas estamos nos aproximando das eleições. E perto das eleições, tudo vale. Até as mais grossas mentiras. Até os mais incríveis absurdos. E tudo assim continuará, até que os nacionalistas de verdade, não os russófilos, nem os americanistas, se compenbrem de que precisam conduzir o povo para a verdade. Não em véspera de eleição. Mas, sempre e sempre.

André Kallas cronista do Diário Mercantil ao se posicionar quanto ao nacionalismo as vésperas da eleição corrobora com um dos pontos principais do discurso de Jânio Quadros a presidência da república, uma postura que não é de última hora mas que pelo contrário é preconizada desde o início de sua campanha os interesses do país antes de qualquer posição exterior, o candidato nos padrões delimitados pelo cronista poderia se dizer nacionalista e portanto um bom brasileiro, ou então em um extremo inverso se crítica a postura do candidato e se confraterniza com seus opositores a medida em que ligam a sua imagem ao “entreguismo” e as forças antinacionais que atuavam no país e durante somente em sua campanha buscou se construir como nacionalista, mais importante que uma crítica negativa ou concordância deve se ter em mente a abertura a interpretação bem como a importância atribuída ao nacionalismo no contexto de eleição, na forma da verdade que Jânio Quadros busca fixar em sua qualidade não como um “russófilo” ou “americanista” mas como brasileiro defensor de seu país.

Para terminar o panorama da cidade Juiz de Fora temos a menção de Olegário Peixoto Montenegro leitor da revista:

Só os que andam no mundo da lua admitem a vitória dos candidatos das situações, tanto no plano federal como no estadual. Seria preciso que os 15 milhões de eleitores que vão decidir o peito não tivessem a mínima consciência do ato que vão praticar, endossando, por mais cinco anos, a política de empobrecimento galopante de todo o povo brasileiro, através do aviltamento total da nossa moeda. É verdade que existem os beneficiários da inflação, a chamada “nova classe” de milionários fabricados a jato.. Mas isto é uma gota d'Água, um filete que não dá para fazer enchente...

Diante de todos os argumentos expostos pelos leitores ou outros jornais, mais



que isso eleitores de Juiz de Fora é possível perceber um alinhamento entre suas concepções e os ideais propostos por Jânio Quadros em sua campanha, ao passo em que se manifesta um sentimento antigovernista, governo esse responsabilizado pelos encargos a vida do homem comum e portanto defensor de um projeto político impassível de continuidade segundo as opiniões expressadas. Em Juiz de Fora se apresenta como o candidato do embate com um projeto que agrega os prejudicados pela crise e denuncia os oportunistas que se aproveitam do surto infracionário, a vassoura como símbolo reúne as indignações apresentadas e com seu uso fecha seu discurso, entre os sentidos que reúnem a vassoura está em limpar a “sujeira” e organizar a “casa”, como projeto se propunha equilibrar a economia e tirar os larápios que se elevariam dada a situação, constrói a oposição da mesma maneira que o editor da revista Alterosa o fez em seu artigo, se é perseguido é pelo medo de um homem sem compromissos obscuros, detentor de qualidades como a fibra e coragem para se desprender de qualquer influência que o tirasse da linha da moralidade ou o fizesse abrir mão de seus votos com os mais necessitados a família brasileira ou o trabalhador explorado.

Ao fim das eleições Jânio Quadros vence em Minas afirmando uma confiança que não era vazia, em meio a seus discursos reforça a esperança, o otimismo em meio ao pessimismo, em alta no momento, em um artigo publicado pelo jornal “O repórter de Uberaba” intitulado “E as urnas falaram...” o autor, João Edison de Melo, busca atribuir um sentido a mais a vitória do candidato, era também uma demonstração do civilismo do povo brasileiro que nunca elegera uma militar para cargos políticos, sendo a inserção dos mesmos na política nacional, em momentos anteriores, proveniente apenas de situações antidemocráticas, além de salientar a apropriação da campanha de Lott por Prestes e os comunistas e indiretamente os julga, ao situar a presença de “agitadores” que apoiam candidaturas militares “para, em contra-partida, gozar, como aliados, de condições propícias à liberdade de sua ação nefasta” e antes de sua conclusão questiona em um tom premonitório sobre a acertabilidade da concepção que trazia em seu artigo algo que só o futuro poderia ou não confirmar, e em poucos anos se provaria inválida tendo em vista o golpe civil militar em 1964, assim se impõe uma caracterização determinante da sociedade compreendida pelo período, imersa em um conservadorismo expressivo que também resulta em um forte anticomunismo, características e noções que Jânio Quadros

integra de forma ímpar em seus discursos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seus discursos muitas vezes são caracterizados pelo uso de um vocabulário tido como difícil ou que não faz parte do cotidiano ou linguagem do homem simples e por esse motivo há um esvaziamento de seus sentidos, algo que corrobora com um tipo de análise que urge do viés populista e assim se perde algumas aberturas para uma análise mais ampla de sua ação política, seu discurso perde o papel e sua organização visual e gestual bem como “artifícios teatrais” se tornam o principal meio de preocupações acerca do personagem sendo esses um dos maiores motivos de seu sucesso, um demagogo, manipulador que fez uso de estratégias friamente estruturadas cujo a finalidade era seduzir um eleitorado, que através dessas considerações, pode ser classificado como inocente e sem qualquer noção frente ao âmbito político.

... as palavras na interpretação do povo não têm grande importância... elas nunca foram importantes... Eu estou persuadido que em política existem certos valores que não se expressam por palavras. Jânio é um exemplo eloqüente disso, pois se fôssemos julgá-lo pelas palavras o seu sucesso seria incompreensível. Ele não usa o Português mais popular, a linguagem mais acessível à população. <sup>12</sup>

Vera Chaia ao partir desse âmbito, crê em uma construção cuidadosa em que o conjunto formado pela imprensa, palavras do candidato na forma de autopromoção, bem como a imagética forma um político que através do marketing se usou de meios dúbios para obter sucesso, se portava como um candidato pobre a medida em que não poderia arcar com os custos de campanha como outros políticos, de saúde debilitada que em um de seus comícios fez uso de injeções para sensibilizar o público sobre sua suposta fragilidade um caso que nunca foi reconhecido pelo candidato, um político estruturado pelo personalismo que se autopromove em detrimento a um plano político ou ao compromisso com uma forma de fazer política, conseqüentemente populista com toda a carga negativa representada pelo termo.

Um populista que fez uso de suas qualidades tais quais o carisma ou a genialidade no sentido do marketing político em uma combinação desastrosa que abriu o caminho para a espada, segundo Benevides, ou que em uma falta de um planejamento

12 (NETO apud CHAIA p. 13)

organizado despendeu tempo com medidas insignificantes como aponta Skidmore.

A classificação personalista sobre Quadros é inegável tendo em vista o conjunto expressivo de empreitadas que buscam fixar um sentido a sua individualidade, muito embora a imagem que tenha se popularizado seja oposta àquela que busca construir nos discursos presentes nesse trabalho, a do louco e bufão que como demonstrado é proveniente da maneira a qual seus opositores buscaram desqualificá-lo. Através de suas palavras buscou se construir através de algumas virtudes, que o eleitorado também o caracterizou por sua forma de agir e ideais que se propunha a defender, como a coragem, a convicção, a esperança, a fortitude, e acima de todos a moralidade, sensibilizar o público por suas fraquezas seria inconciliável a maneira em que busca se pautar através de uma exaltação, que inclui momentos de falsa modéstia, de suas qualidades.

Uma construção que seria impossível sem o uso das palavras, reconhecer que utilizava de um vocábulo incomum, não descaracteriza as funções de seus discursos ou a capacidade de fixação de sentidos ao público a medida em que também não se pode desqualificar o eleitorado como incapaz de compreendê-los, muitas análises pecam nesse sentido o eleitorado é menosprezado não têm voz, sobre Jânio Quadros se impõe as suas palavras e as de seus opositores e se perde o ator mais importante representado pela população.

Por fim, como indicado no início não há uma pretensão em se explicar o sucesso do “fenômeno Jânio Quadros” através dessas poucas páginas, mas contemplar alguns aspectos marginalizados pela literatura anterior, bem como questionar algumas conclusões atinentes a mesma, seus discursos como apresentado carregam algumas potencialidades, que vão além de uma autopromoção e denúncia dos problemas da sociedade como delimitado por Chaia, como também se traçam planos e convicções, se considerava um apartidário mas nunca deixou de tomar partido pelo modo de pensar a sociedade e a política proporcionados pela religião que tinha um caráter determinante a sua forma e postura política, constrói seu projeto para a presidência através das adversidades reconhece o contexto suas necessidades e se propõe a formular um discurso que funcione em consonância a sua visão de mundo, a um primeiro olhar descuidado é possível observar muitas reivindicações dos comunistas em seu discurso <sup>13</sup>, como a

13 Ver “Por que os comunistas apoiam Lott e Jango” de Luiz Carlos Prestes

retomada de aproximação ao bloco Soviético, a proposta de reforma agrária, ou a independência internacional do país, mas que são alteradas em suas finalidades em sincronia aos valores defendidos, a nacionalidade se torna uma questão importante e a PEI se qualificava nesse sentido, a importância da reformada agrária não está em sua própria finalidade mas serviria como uma política de caráter moralizante junto a “vadiagem” e a aproximação aos soviéticos se propunha nas finalidades comerciais e no valor da igualdade pregado por sua fé. Um candidato que se constrói em uma contradição que se impõe a um aspecto condizente a sua maneira de encarar a política.

O eleitorado mais que manipulado ou sem nada a dizer foi integrado a essa análise, mesmo que na forma de uma parcela específica dado as limitações proporcionadas pelas fontes, se identificavam com o trabalho e ideais defendidos por Quadros, no contexto da eleição optam por apoiá-lo por reconhecer em seu histórico e posicionamentos quanto a política, características atrativas frente ao contexto, em um eleitorado formado por uma forte parcela conservadora Jânio Quadros e sua moral se sobressaem, tendo em vista a colocação de Castro, mas sem querer concordar com a mesma sem algumas ponderações, trazia consigo um discurso formado por interesses junto a política comuns a muitos Jânios do país. Em sua premissa de se colocar fora de partidos ou compromissos “obscuros”, reforça uma imagem sobre a política que diz combater e traz a responsabilidade para si como indivíduo que reconhece a realidade e necessidades do povo e através da descrença com a política se propõe a um engajamento primeiramente com os ideais que defende, contrários ao modo de se fazer política que denúncia, entrelaçados a responsabilidade com a população que sofre, na prerrogativa da moralização do Estado.

Um homem de diversas faces que convergiam em uma, que possuía um discurso firme e convicto e que apesar de estar atrelado a uma lente interpretativa, conseguiu conquistar o apoio de parcelas distintas da população, uma consideração é certa ao contrário de um esvaziamento do meio, é possível através das fontes utilizadas afirmar que obteve sucesso na fixação dos sentidos que buscava empreender, em um discurso que deve ser compreendido através da dinâmica e configuração da época em que foi operado.

## 6. REFERÊNCIAS

*Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

BENEVIDES, Maria Victória de M.. *O governo Jânio Quadros*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

BORDIEU, Pierre. “*A opinião pública não existe*”, disponível <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/50619/mod\\_resource/content/1/A\\_Opiniao\\_Publica\\_Nao\\_Existes\\_\(Pierre\\_Bourdieu\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/50619/mod_resource/content/1/A_Opiniao_Publica_Nao_Existes_(Pierre_Bourdieu).pdf)> acesso em 2 jul 2018.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BOTELHO, Marcelo de Azevedo. “*Louvemos e aplaudamos a medida presidencial*”: *A censura moral de Jânio Quadros e a imprensa católica da Guanabara (1960-1961)*. Seropédica, RJ. 182 f. Dissertação (Mestrado em História, Relações de Poder, Linguagens e História Intelectual). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

CHAIA, Vera “*UM MAGO DO MARKETING POLÍTICO*”, disponível <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/20-encontro...mago/file>> acesso em 2 jul 2018.

FERRERAS, Norberto O. “*A sociedade de massas: Os populismos*”. In: Azevedo, Cecília & Raminelli, Ronald (Orgs.). *História das Américas :novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FICO, Carlos. “*O Brasil no contexto da Guerra Fria: democracia, subdesenvolvimento e ideologia do planejamento (1946-1964)*”. In: Mota, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem*

*Incompleta: A Experiência Brasileira (1500-2000)*. São Paulo: SENAC, 2000

GOMES, Ângela de Castro. *Qual a cor dos anos dourados?* In: GOMES, Ângela de Castro. *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. “*Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento*”. In: Ferreira, Jorge & Lucília A. N. Delgado (Orgs.). *O Brasil Republicano. Volume 3*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

PINTO. Celi Regina Jardim *Elementos para a análise de um discurso político*, disponível <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/821>> acesso em 2 jul 2018.

PRESTES. Luiz Carlos. *Por que os comunistas apoiam Lott e Jango*, disponível, <<https://www.marxists.org/portugues/prestes/1959/09/comunistas.htm>> acesso em 2 jul 2018.

QUELER, Jefferson José. *Entre o mito e a propaganda política : Jânio Quadros e sua imagem pública (1959-1961)*. Campinas, 2008.

\_\_\_\_\_. *Quando o eleitor faz a propaganda política: o engajamento popular na campanha eleitoral de Jânio Quadros (1959-1960)*. Scielo, 2009

\_\_\_\_\_. *A roupa nova do presidente: a politização da imagem pública de Jânio Quadros (1947-1961)*. Scielo, 2011

\_\_\_\_\_. *Jânio Quadros, o pai dos pobres: tradição e paternalismo na projeção do líder (1959-1960)*. Scielo, 2013

SKIDMORE, T. “*Jânio Quadros: interlúdio de agonia*”. In: *Brasil: de Getúlio a Castelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.